

## O USO DE CLASSIFICADORES NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Elidéa Lúcia Almeida Bernardino<sup>1</sup>

elidea@ufmg.br

**RESUMO:** Este artigo versa sobre o uso de classificadores em Língua de Sinais Brasileira (Libras), ao apresentar um projeto piloto de produção de classificadores, realizado com cinco sinalizadores surdos, adultos, usuários de Libras há vários anos (média 28:8 anos), todos atuantes como instrutores de Libras, tanto para adultos ouvintes como para crianças surdas. Esses sujeitos foram submetidos a um teste de produção de língua de sinais (American Sign Language Assessment Instrument – ASLAI), elaborado para produção de classificadores em ASL e adaptado para a produção de classificadores em Libras. Essa tarefa, elaborada por Robert Hoffmeister e sua equipe (Hoffmeister *et al.*, 1990), evoca a produção de classificadores, incluindo pluralização (quantificação) e organização de objetos, partes do corpo, relações primárias e secundárias, em construções simples ou mais complexas. Como resultado, temos uma gama de configurações de mãos usadas na construção de classificadores específicos, apontando para uma regularidade na produção de classificadores, tanto entre sinalizadores nativos ou quase nativos de Libras, quanto entre sinalizadores tardios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Classificadores em Língua de Sinais Brasileira; Produção de Classificadores; Libras; ASLAI.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre o uso de classificadores em Libras por cinco sinalizadores surdos. Os participantes eram adultos, usuários de Libras há vários anos (média 28:8 anos), todos atuantes como instrutores de Libras, tanto para adultos ouvintes como para crianças surdas. Esses sujeitos foram submetidos a um teste de produção de língua de sinais, a Tarefa RO (*Real Objects Task*), uma subtarefa que faz parte do *ASL Assessment Instrument* (ASLAI).<sup>2</sup> Foi projetada por Robert Hoffmeister e sua equipe para avaliar o desenvolvimento linguístico de crianças surdas na *American Sign Language* (ASL) e adaptada para a produção de Libras. Essa tarefa é definida como “uma tarefa expressiva que elicia o conhecimento de

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Coordenadora do Núcleo de Libras da Faculdade de Letras (FALE). Especial agradecimento aos membros do Grupo de Estudos sobre Surdez da FALE/UFMG pelos comentários e colaborações na edição deste trabalho.

<sup>2</sup>Para uma descrição completa de ASLAI veja Hoffmeister *et al.* (1990).

classificadores, incluindo instrumentos, partes do corpo, relações primárias e secundárias, pluralização (quantificação) e organização” (Hoffmeister *et al.*, 1997).

O objetivo deste trabalho é descrever como surdos usuários de Libras nativos e não nativos usam classificadores em verbos de movimento (VM) e verbos de localização (VL). De acordo com Supalla (1986), classificadores seriam morfemas utilizados nesse tipo de verbos. Nesses morfemas, mãos e corpo seriam articuladores para indicar o nome do referente, ou o agente da ação. Ao final deste trabalho, será demonstrada uma gama de configurações de mãos (CMs) usadas na construção de classificadores específicos, apontando para uma regularidade na produção, tanto entre sinalizadores nativos, ou quase nativos de Libras, quanto entre sinalizadores tardios.

O assunto a ser tratado e o motivo de se escolher para a pesquisa o grupo de surdos apresentado é contextualizado no início da próxima seção. Em seguida, serão expostos estudos descritivos sobre classificadores em ASL e o que se tem conhecimento sobre a Libras até o presente momento. A partir daí, a pesquisa realizada sobre a Libras e os resultados obtidos são apresentados e discutidos.

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO

A Libras é uma língua de modalidade espaço-visual (Ferreira-Brito, 1995) apresentando fonologia, sintaxe, semântica e morfologia próprias, assim como outras línguas de sinais (LS). Por ter uma produção manual e uma percepção visual, usa o espaço físico e o próprio corpo do sinalizador para a execução do conteúdo da mensagem visual. A exploração do espaço físico e o uso do próprio corpo são importantes elementos na interação. Esse uso do espaço favorece a iconicidade, uma vez que ele é mais palpável do que o tempo, que é a dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas (Ferreira, 1997). Para Ferreira, a iconicidade, ou a semelhança entre a forma de um signo e o que ele representa não é universal, mas depende dos referentes e da cultura de cada grupo sinalizador, tornando-se, assim, convencional. Contudo, nem todo sinal é icônico, uma vez que existem sinais mais ou menos icônicos na Libras (Quadros; Karnopp, 2004: 31-32).

Por causa da iconicidade presente em muitos sinais, por muitos anos as LS foram confundidas erroneamente com mímicas, e ainda hoje algumas pessoas caracterizam a forma de comunicação dos surdos como mímica ou gestos.

O espaço de sinalização, ou o *espaço neutro* nas línguas de sinais é utilizado para marcação e identificação dos referentes (Bernardino, 1999; 2000), sendo esses identificados

em pontos específicos no espaço de referência. Além desse uso, o espaço neutro ou a localização física à frente do sinalizador é utilizado para a realização das construções gramaticais com verbos espaciais e de concordância, e também para a realização de construções usando classificadores (CLs).

Na morfologia das línguas de sinais, os CLs fazem parte do núcleo lexical (Quadros; Karnopp, 2004) dessas línguas. Eles são responsáveis pela formação da maioria dos sinais já existentes, assim como pela criação de novos sinais. Os CLs, por serem na maioria das vezes icônicos, lembram de alguma forma, alguns gestos que acompanham a fala. Por esse motivo, também são muitas vezes confundidos com estes, embora tenham características distintas e regras de formação bem claras.

A razão pela qual foram escolhidos sinalizadores nativos e não nativos nesta pesquisa é porque os sujeitos adultos representam grande parte da comunidade surda no Brasil, mais especificamente em Minas Gerais. Esses atuam como *multiplicadores* da Libras, ou seja, a maioria dos surdos que ensina a língua é composta de sinalizadores não nativos, ou que adquiriram a língua após a adolescência. Os sinalizadores escolhidos atuam no momento como instrutores de Libras como L1 e como L2, ou já o fizeram no passado, tendo sido responsáveis pela formação de vários intérpretes e professores de crianças surdas em Minas. Como uma minoria dos surdos pode ser considerada nativa (somente cerca de 5% dos surdos são filhos de surdos (conforme Skliar, 1997) e ainda, dentre esses, pouquíssimos têm também pelo menos um dos avós surdo<sup>3</sup>) é minha intenção mostrar aqui como os surdos nativos, assim como os surdos não nativos, ou que adquiriram a Libras tardiamente, representam as pessoas e objetos em situações onde seria necessária a utilização de CLs. Este estudo consiste de respostas a uma tarefa destinada a eliciar a produção de CLs usados em VMs e VLs, utilizada em estudos anteriores sobre a produção de CLs em ASL (Hoffmeister et. al, 1990; 1997) e na Língua de Sinais Grega (Kourbetis, Hoffmeister e Bernardino, 2005).

## 2. SERIAM ESSAS ESTRUTURAS “CLASSIFICADORES”?

O uso de classificadores nas línguas de sinais é um assunto que vem sendo examinado já há muitos anos por muitos autores (Supalla, 1982; 1986; 1990; Hoffmeister et al., 1997; Emmorey, 2002; Grinevald, 2003; Schembri, 2003; Sandler e Lillo-Martin, 2006),

---

<sup>3</sup> Aronoff *et al.* (2003) citam estudos feitos pelo *Gallaudet Research Institute* em 2000, que demonstraram que apenas 8,5% dos surdos pesquisados possuíam pelo menos um dos pais que também fosse surdo sinalizador e que, dentre estes, a maioria não era sinalizador nativo, ou seja, havia adquirido a língua de sinais tardiamente, pois seus pais/avós não eram surdos.

principalmente na Língua de Sinais Americana (ASL), contrastando as produções nessa língua com outras línguas de sinais (Aronoff *et al.*, 2003). Porém, ainda existem poucos estudos a esse respeito sobre a Libras, destacando-se os de Ferreira-Brito (1995), Felipe (2002), Quadros e Karnopp (2004), Bernardino, Hoffmeister e Allen (2004) e Bernardino (2006).

Supalla (1986) afirma que os classificadores são utilizados em verbos de movimento (VM) e localização (VL), sendo que cada um dos parâmetros básicos usados nesses verbos é um morfema. Nos classificadores, mãos e corpo são usados como articuladores para indicar o nome do referente ou o agente da ação. A forma básica do verbo inclui: (1) um movimento dentre uma série restrita de movimentos possíveis, que se refere a um tipo de predicativo de existência, localização ou movimento; (2) uma configuração de mão (CM) particular ou outra parte do corpo, o que seria tipicamente o morfema classificador do VM ou VL, e (3) um caminho ou um traçado para esse movimento. Supalla (1986) também afirma que as relações de localização entre o substantivo central e quaisquer outros substantivos a serem representados são marcadas por localizações da mão e dos articuladores do corpo.

Existem muitas discussões sobre o uso do termo *classificadores* para denotar as construções de línguas de sinais que têm sido comparadas com sistemas classificadores em línguas orais. Schembri (2003: 17) afirma que essa comparação é problemática, já que as línguas orais que foram comparadas com as línguas de sinais na literatura (como Navajo e outras línguas Atabasquianas) não são vistas apropriadamente como línguas classificadoras, de acordo com a definição de Grinevald (1996), apud Schembri (2003: 15):

A definição de Grinevald (1996) sugere os quatro critérios seguintes para distinguir verdadeiros classificadores de fenômenos classificadores relacionados:

- (a) Classificadores são morfemas explícitos.
- (b) Eles constituem um subsistema morfossintático.
- (c) Eles são sistemas de classificação semanticamente motivados que não classificam todos os substantivos.
- (d) Eles são sujeitos a condições de uso pragmático-discursivas.

Schembri (2003) declara que, apesar do fato de a escolha de CLs em línguas orais ser motivada por fatores pragmático-discursivos, o uso desses CLs sempre reproduz perspectivas diferentes sobre as características dos substantivos relacionados (por exemplo, em Birmanês, um CL que se refira a um rio mostrará se esse é relativo a *um rio em um mapa*, *um rio como um caminho para o mar*, ou *um rio em geral*). Ele afirma que em línguas de sinais, embora a escolha da CM de um VM ou um VL seja influenciada pelas características visuais do referente, há outros elementos que influenciam a escolha. Isso talvez se deva ao fato de, por

exemplo, em um classificador de entidade, a CM poder representar o agente, o paciente ou o tema do verbo; mas se o referente é animado ou não também irá influenciar a escolha da CM a ser usada. Entretanto, as CMs escolhidas em verbos de manuseio (CL de instrumento, conforme Supalla) ou em verbos de descrição visual-geométrica (os ETFs, na concepção de Supalla) não parecem ter tantas similaridades com CLs em línguas orais. Por esta razão, ele afirma que CLs em línguas de sinais não têm a função primária de classificação.

Em sua conclusão, Schembri declara que as CMs usadas em construções de línguas de sinais parecem constituir um tipo de subsistema morfossintático que tem algumas propriedades similares a tipos de palavras que são encontrados em algumas línguas orais, como classes nominais ou termos de medida; entretanto, por causa da seleção de uma CM particular ser parcialmente motivada por características perceptíveis de um referente, e por causa de o uso dessas CMs não ter uma função classificatória primária, elas não podem ser consideradas verdadeiros *classificadores* da forma como são definidos em línguas orais.




Apesar das sugestões de Schembri e de outros pela escolha de uma nomenclatura nova, muitos outros autores continuam a usar os termos *construções classificadoras* (Emmorey, 2002; Aronoff *et al.*, 2003; Emmorey e Herzig, 2003; Sandler e Lillo-Martin, 2006) ou predicados classificadores (Liddell, 2003; Supalla, 2003) para indicar predicados onde são usados classificadores. Aronoff *et al.* (2003) afirma que alguns CLs em línguas orais não são idênticos a CLs em línguas de sinais, mas o uso do mesmo termo “tem a vantagem de encorajar comparações entre os vários sistemas classificatórios, o que pode resultar em uma melhor compreensão dos classificadores em línguas de sinais e do seu comportamento” (Aronoff *et al.*, 2003: 64).

Na produção de classificadores, então, um VM ou VL seria um predicado complexo que expressaria a existência, movimento ou localização de um substantivo (Supalla, 1986). Supalla descreve cinco tipos de morfemas que sinalizadores nativos usam para classificar substantivos em ASL: (1) classificadores semânticos, no qual a CM representa a categoria semântica do objeto – também descritos na literatura específica como classificadores de entidade (Schick, 1987; Aronoff *et al.*, 2003; Sandler e Lillo-Martin, 2006) – que será a nomenclatura adotada neste trabalho; (2) classificadores de corpo, onde o corpo do sinalizador é usado para representar substantivos animados que têm corpos e membros; (3) classificadores de partes do corpo, no qual a mão é usada para representar uma parte do corpo do referente; (4) classificadores de instrumentos, onde a CM representa tanto o movimento do instrumento ou a função da mão manuseando ou utilizando o instrumento – também descritos como classificadores de manuseio por outros autores e (5) especificadores de tamanho e

forma (*Size and Shape Specifiers* – SASS – neste estudo, traduzido como ETF), no qual a CM representa o tamanho e a forma de um objeto – também conhecidos como classificadores descritivos. Sandler e Lillo-Martin (2006) afirmam que, conforme a categorização semântica de Grinevald (2000), os ETFs corresponderiam aos classificadores de línguas orais que representam características físicas.

Schick (1987) reduz os classificadores em ASL a três categorias gerais: (1) CLASS, o qual corresponde ao classificador semântico de Supalla; (2) MANUSEIO, o qual é similar ao classificador de instrumento de Supalla e indica a categoria de classificadores que representa o manuseio de um objeto; e (3) SASS, o qual é semelhante à categoria SASS/ETF de Supalla, incluindo também classificadores usados como adjetivos. Schick não menciona os classificadores que fazem referência ao corpo do sinalizador ou às partes do corpo representadas (CL de corpo e de partes do corpo).

Hoffmeister *et al.* (1997) enfatizam que os classificadores em ASL são incorporados em estruturas verbais. Eles são usados como pronomes para fazerem referência a um objeto mencionado anteriormente. Para esses autores, as CMs que são usadas em um VM ou VL podem parecer representações icônicas, mas na verdade não o são, desde que o uso apurado e apropriado de CMs requer conhecimento das regras que controlam a forma, orientação, localização, movimento, referência pronominal e outras características envolvidas na representação correta do referente (Hoffmeister *et al.*, 1997: 6). Essa argumentação parece estar relacionada a um fato descrito por Aronoff *et al.*, (2003), em relação à diferenciação entre línguas velhas e línguas novas (ele compara ASL, que seria uma língua velha, com a língua de sinais israelense – ISL). Exemplificando, a configuração de mão utilizada para fazer referência a veículos em ASL (CM 3, com a palma da mão voltada para o lado, o que não lembra iconicamente um veículo), em contraste com a CM B (palma da mão para baixo para representar um carro ou caminhão, ou com a palma para o lado, como uma moto ou bicicleta) usados em línguas mais jovens, como a ISL ou a Libras. Veja exemplos na figura 1 abaixo:

CM 3		CM B		CM B	
Veículos - ASL		Carros, caminhões – ISL/Libras		Motos, bicicletas – ISL/Libras	

**Figura 1:** Exemplos de CMs representando veículos em ASL e ISL/Libras.

No caso dessas duas línguas, a iconicidade existe e é levada em conta, tanto que, na

representação de veículos como carros, caminhões e ônibus, a configuração de mão *B* com a palma para baixo é selecionada pelo falante nessas duas línguas, indicando um veículo *plano e achatado*. Ao referir-se a bicicletas ou motocicletas, a mesma configuração *B* é utilizada com a palma para o lado, indicando um veículo *alto e fino*; na referência a um barco, devem ser usadas duas mãos em *B*, unidas pelas pontas dos dedos, formando um ângulo de 45°. Em ASL, diferentemente, usa-se a configuração de mão 3, voltada para o lado, para a representação de qualquer um dos referentes acima (carro, caminhão, bicicleta ou barco). Levando-se em consideração a descrição de Aronoff, ISL compartilha muitas semelhanças com a Libras, o que veremos a seguir.

### 3. CLASSIFICADORES EM LIBRAS





Quadros e Karnopp (2004) sugerem que o sistema de classificadores faz parte do léxico nativo da Libras e que esse sistema está extensivamente envolvido no processo morfológico de formação lexical. Elas afirmam que a formação de classificadores é extremamente influenciada pela modalidade espaço-visual da língua, mas assim que o classificador é lexicalizado, ele segue o mesmo padrão que é encontrado em todas as línguas naturais. Como exemplo, em línguas orais, quando palavras multi-morfêmicas tornam-se mono-morfêmicas, há uma mudança tanto na semântica quanto na morfologia dessas palavras. O mesmo processo ocorre com classificadores quando são lexicalizados, ou entram no léxico como um *signal congelado* (Quadros; Karnopp, 2004: 93).

Ferreira-Brito (1995) observa que em Libras, classificadores são usados em VMs e VLs, assim como em ASL. Ela afirma que além da CM, a orientação da palma da mão pode ser um elemento importante em certas formações com classificadores. O classificador *V* em Libras, por exemplo, pode representar uma pessoa caminhando quando a orientação da palma da mão é voltada para o sinalizador, e os dedos apontam para o chão. Usando a mesma CM, se a palma é orientada para o interlocutor e os dedos apontam para o alto, o significado será o de duas pessoas caminhando lado a lado. A orientação da palma da mão é um elemento muito importante neste último caso porque os dois articuladores da CM *V* constituem dois classificadores diferentes.

1. Um classificador único que representa as pernas (orientação da palma da mão para dentro, ou *V* para baixo); e

2. Um classificador duplo (orientação da palma da mão para fora) representando duas pessoas (veja figura 2 abaixo).



Outro exemplo de como a orientação da palma da mão é importante na articulação de classificadores seria o classificador 3 em ASL, que quando a palma da mão é voltada para o lado significa VEÍCULO, mas quando os dedos estão para cima e a palma da mão para fora pode significar TRÊS-PESSOAS ou o numeral 3.

<b>Libras</b>		
	V para baixo, orientação da palma para dentro – uma pessoa andando	V para cima, palma para fora – duas pessoas andando
<b>ASL</b>		
	3 palma para o lado – VEÍCULO	3 palma para fora – 3 pessoas lado a lado






**Figura 2:** Diferenças no significado conforme a orientação da palma da mão.

Ferreira-Brito também analisa a formação do plural em Libras. Algumas CMs (por exemplo, *1* – dedo indicador estendido, ao qual ela denomina *GI*) são singulares, porque se referem a uma unidade, enquanto outras como *V* ou *5* representam o plural (ou dual, no caso de *V*), entretanto, o plural pode ser marcado também por: (a) o uso das duas mãos simultaneamente ou alternativamente, (b) repetição da CM em localizações diferentes. É importante observar que o que Ferreira-Brito encontrou na Libras é bastante similar ao que vários lingüistas já relataram sobre a ASL.

Ferreira-Brito identificou alguns dos classificadores mais produtivos em Libras, os quais são descritos na Tabela 1:

<b>Configuração de mão (CM)</b>		<b>Usos e exemplos</b>
<b><i>Y</i></b>		Usada para representar uma pessoa gorda andando, objetos largos de forma irregular (como telefone, bule de café, salto de sapato, ferro de passar roupas, avião, submarino, chifre de boi), roupas, alimentos e outros objetos em uma casa.
<b><i>B</i></b>		CM com algumas variações quanto ao dedo polegar estendido ou não, usada para representar coisas planas, lisas ou superfícies onduladas (como veículos, o telhado de uma casa, um pé num sapato, um livro, uma casa ou rodas de trem[?]).



<b><i>Gl</i></b>		Usada para descrever formas lineares, para indicar lugares usando a ponta do dedo e para representar objetos longos e finos (uma pessoa, um poste, um prego, rabo de animais).
<b><i>F</i></b>		Usada para representar pequenos objetos cilíndricos (como moedas, botões, uma gota de água), para mostrar o modo de segurar objetos pequenos e finos e usando as duas mãos para descrever objetos cilíndricos longos (como um cano fino)
<b><i>A (S)</i></b>		Usada para segurar objetos (como uma faca, um guarda-chuva ou um ramallete de flores).
<b><i>V</i></b>		Usada para representar pessoas (uma pessoa caminhando – V com as pontas dos dedos para baixo, ou duas pessoas em pé – V com as pontas dos dedos para cima).
<b><i>5</i></b>		Usada como um substituto do substantivo, pode referir-se a várias entidades (plural) ou somente uma entidade (sem exemplos).

**Tabela 1:** Descrição de configurações de mão (CM) de classificadores usadas com maior frequência em Libras (Ferreira-Brito, 1995: 107-112)

Neste ponto, acho que seria útil definir os termos que estarei usando neste estudo para lidar com essas construções em língua de sinais. O termo *predicados classificadores* se refere ao sistema de *signos ou sinais* que ainda não foram lexicalizados (não são verbos *congelados*, conforme a definição de Supalla, 1986), mas são sujeitos a condições de uso pragmático-discursivas. Eles são divididos em CLs de Entidade/semânticos, ETFs, CLs de instrumento (ou de manuseio), CLs de partes do corpo e CLs de corpo, usados em um VM ou VL. Apesar das razões dadas para a adoção de outros termos, continuarei a fazer uso do termo simples *classificador*, ou *CL* para denotar articuladores (mãos e corpo) usados nos cinco tipos de classificadores descritos por Supalla (1986) porque é o termo que é comumente conhecido e usado na literatura sobre línguas de sinais. Também usarei, diferentemente da nomenclatura adotada por Supalla, o termo *CLs de Entidade*, para fazer referência aos *CLs Semânticos* de Supalla.

#### 4. METODOLOGIA

O objetivo deste estudo é identificar e descrever morfemas classificadores utilizados em VMs e VLs em Libras. Neste experimento, as características dos sujeitos e informações importantes sobre o contexto linguístico, familiar e educacional serão apontadas primeiro. Em

seguida, será feita a descrição da tarefa *RO task* (Real Objects Task), que foi usada para elicitar os dados deste estudo. Cada questão será esclarecida conforme o tipo de classificador produzido. Finalmente, os resultados do experimento serão apresentados e discutidos.

#### 4.1. PARTICIPANTES

O grupo de sinalizadores Libras consiste de cinco sujeitos surdos profundos, com idades entre 21,3 a 50,3, com a idade média de 35,4. Quatro desses sujeitos ensinam língua de sinais para profissionais ouvintes que trabalham com crianças surdas no Brasil (ou ensinaram no passado). Dois deles também ensinam Libras para crianças ou jovens surdos.

Dois sujeitos, dentre os cinco, adquiriram a língua de sinais tardiamente (após os 7 anos de idade); dois adquiriram a língua mais cedo (até os 6 anos de idade); e um deles é sinalizador nativo (adquiriu a língua de sinais dos pais surdos). Quatro deles são surdos de nascimento; um tornou-se surdo aos 3 meses de idade, por uma reação alérgica à penicilina. O tempo de sinalização varia de 14 anos a 38 anos de sinalização, com uma média de 28:8 anos. Os sujeitos são identificados por siglas, usadas no lugar dos nomes próprios. As letras usadas identificam se possuem pais surdos ou ouvintes (letras *PS* ou *PO*); também a época da aquisição da linguagem (*N* para nativo, *C* para os que adquiriram a língua cedo e *T* para os tardios). O sumário do contexto linguístico e familiar dos sujeitos é apresentado na tabela 2:

Sujeitos	PSN05	POC04	POC03	POT02	POT01	Média
<b>Pais</b>	Surdos	Ouvintes	Ouvintes	Ouvintes	Ouvintes	
<b>Idade</b>	28.9	32.5	44.1	21.3	50.3	35:4
<b>Idade adquiriu Libras</b>	Nascimento	3 anos	6 anos	7 anos	15 anos	6:2 anos
<b>Aquisição cedo ou tardia</b>	Cedo (nativo)	Cedo	Cedo	Tardia	Tardia	–
<b>Tempo de contato com Libras</b>	28 anos	29 anos	38 anos	14 anos	35 anos	28:8 anos
<b>Com quem aprendeu a língua</b>	Pais surdos	Irmãs surdas mais velhas	Amigos na escola	Amigos na escola	Amigos na escola	–
<b>Detalhes adicionais da família</b>	–	Irmãs mais de 5 anos mais velhas	Irmãos surdos mais velhos (usuários de gestos)	–	–	–

**Tabela 2:** Contexto linguístico e familiar dos sujeitos

Neste estudo, considera-se aquisição tardia após os 7 anos de idade. Dentre os que adquiriram a língua mais cedo, um (POC03) adquiriu-a aos 6 anos de idade na escola de surdos, mas tinha dois irmãos mais velhos surdos que usavam um sistema linguístico gestual próprio em casa, o que parece ter sido favorável à sua aquisição da Libras, ainda que no limiar do que foi considerado como aquisição cedo. Em entrevista pessoal, o sujeito informou que, no sistema linguístico gestual caseiro já havia nomes para todas as pessoas e objetos, assim como gestos para ações, criados pelos irmãos mais velhos, e que, ao chegar à escola, esses foram sendo substituídos aos poucos pelos sinais convencionais da Libras, usados pelos colegas surdos mais velhos.

Um dos sujeitos está na universidade há um ano; o mais jovem deles está concluindo o ensino médio, dois deles concluíram o ensino médio e um deles concluiu apenas o ensino fundamental. Aqueles que estudaram em escolas para surdos não tiveram modelos de Libras (não havia professores ou instrutores surdos atuando na escola); exceto quando começaram a estudar em escolas comuns com o apoio de um intérprete. Quando os sujeitos surdos frequentavam escolas comuns sem intérpretes, recebiam o mesmo tratamento que os estudantes ouvintes, sem nenhum tipo de apoio complementar. Todos eles estudaram em escolas locais em Minas Gerais. Um sumário do seu contexto educacional é apresentado na tabela 3 abaixo:

<b>Sujeitos</b>	<b>PSN05</b>	<b>POC04</b>	<b>POC03</b>	<b>POT02</b>	<b>POT01</b>
<b>Pré-escola</b>	Escola comum	Escola oralista para surdos	Escola oralista para surdos	Uso de sinais na escola <sup>4</sup>	–
<b>Ensino Fundamental</b>	Escola comum	Escola comum	Escola oralista para surdos	Escola oralista para surdos	Escola oralista para surdos
<b>Ensino Médio</b>	Escola comum com intérprete	–	Escola oralista para surdos	Escola comum com intérprete	Escola oralista para surdos (não concluiu)
<b>Ensino Superior</b>	–	–	Junto com ouvintes – sem intérprete	–	–

**Tabela 3:** Contexto educacional dos sujeitos

Como acontece em todos os países do mundo, a maioria das crianças surdas tem pais ouvintes, o que chega a cerca de 90 a 95% delas (Skliar, 1997). No Brasil, crianças surdas geralmente têm o primeiro contato com Libras na escola, o que significa que adquirem a língua tardiamente dos colegas. A maioria dos sujeitos neste estudo não teve acesso a um

<sup>4</sup> Escola com professores ouvintes não proficientes

instrutor adulto que lhe ensinasse a língua. Seus *professores* geralmente não eram sinalizadores proficientes.

## 4.2. MATERIAIS E PROCEDIMENTOS

### 4.2.1. DESCRIÇÃO DO TESTE – REAL OBJECTS TASK – TAREFA RO

A tarefa Real Objects (RO) consiste de 27 itens e sua aplicação tem a duração de 30 minutos. Os estímulos são apresentados usando-se um vídeo que é projetado num televisor ao sujeito, enquanto sua resposta sinalizada é filmada por uma câmera de vídeo. A tarefa RO original contém instruções em ASL. Essas instruções foram traduzidas para a Libras, sendo sinalizadas também por um surdo, como nas instruções em ASL e substituíram as orientações originais, mas os itens com os estímulos permaneceram os mesmos.

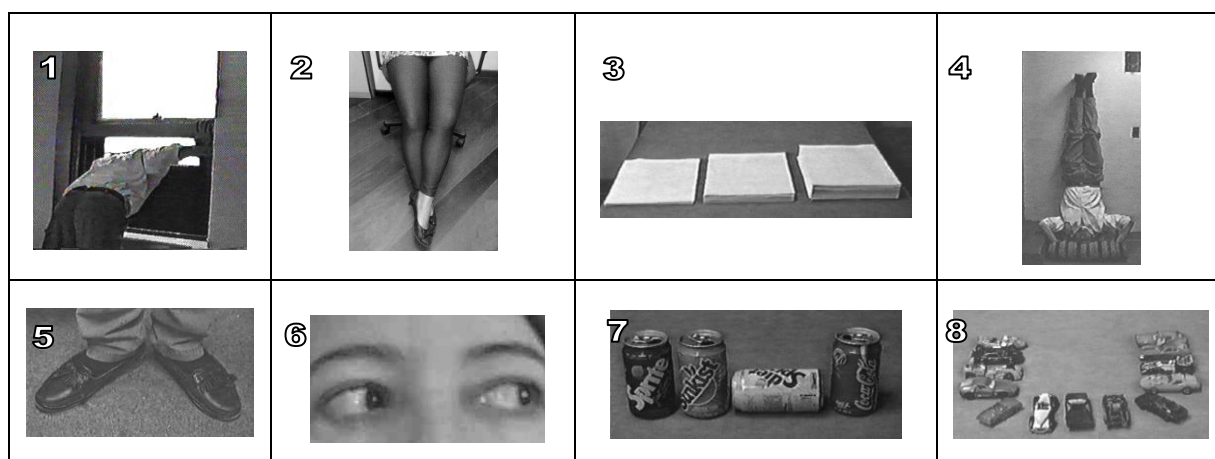
Algumas cenas da tarefa possuem movimento, enquanto outras são estáticas. Todas precisam ser representadas usando classificadores em construções com VM ou VL. As categorias descritas abaixo são classificadores-alvo, na medida em que os sujeitos podem responder usando outros tipos de classificadores, ou mesmo outro tipo de resposta (como sinais congelados). Os tipos de classificadores e o número de itens que os contêm são apresentados na Tabela 4. As siglas usadas na identificação dos classificadores são: CLPC (CL de partes do corpo); CLE (CL de entidade); O.G (Objetos gerais representando o plural); ETF (CL descritivos); CLI (CL de instrumento); CLC (CL de corpo).

<b>Categoria</b>	<b>Tipo de estímulo</b>	<b>Número de itens</b>
CLPC – classificador de partes do corpo	Pernas	4
CLPC – classificador de partes do corpo	Pés	2
CLPC – classificador de partes do corpo	Olhos	3
CLPC – classificador de partes do corpo	Mãos	1
CLE – classificador de entidade para pessoa – singular	Corpo	1
CLE – O.G. (plural) – classificador de objetos gerais	Latas de refrigerante	3
CLE – O.G. (plural) – classificador de objetos gerais	Carros	3
CLE – O.G. (plural) – classificador de objetos gerais	Livros, fitas de vídeo, lápis	5
ETF – especificador de tamanho e forma	Maços de papel	1
Classificador complexo 1 - (ETF + ETF)	Caminhão basculante	1
Classificador complexo 2 - (CLI + CLPC ou CLC)	Janela aberta	1
Classificador complexo 3 - (ETF + CLPC ou CLC)	Elevador	1

Classificador complexo 4 - (CLE ou ETF – plural)	Pessoas em fila	1
<b>Total de itens no estímulo</b>		<b>27</b>

**Tabela 4:** Categorias e estímulos usados na tarefa RO (Hoffmeister, 1990)

Nas categorias CLPC, CLE (só no item em que o estímulo a ser representado é um corpo) e em três formações complexas de classificadores (2. *Janela aberta*; 3. *Elevador*; e 4. *Pessoas em fila*) o sinalizador deve usar um classificador representando o corpo humano ou as partes do corpo relativas para representar corretamente o estímulo. Por exemplo, em um dos itens onde aparecem pernas cruzadas (uma pessoa assentada com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos – somente as pernas aparecem no vídeo apresentado), como não há movimento na cena original, o sinalizador precisa usar um classificador de partes do corpo (CLPC) em um VL para representar o item corretamente. Em outro item, onde as pernas mostradas estão cruzadas na altura dos joelhos, a perna de cima está balançando, então o sinalizador deve usar um CLPC em um VM de forma a representar tanto a cena quanto o movimento da perna. Veja exemplos de estímulos na figura 3 abaixo:



**Figura 3:** Exemplos de estímulos para CLPC, CLE e CLC (simples e complexos).

Para representar a categoria O.G., o sinalizador precisa usar um classificador de entidade em um VL para representar corretamente o item. Nessa categoria, o uso da forma plural<sup>5</sup> e a disposição dos objetos na cena são igualmente importantes. Por exemplo, para representar uma cena que mostra vários livros em uma estante, o sinalizador deve usar um classificador que represente corretamente vários livros (plural) dispostos lado a lado em uma estante. Na representação da cena que mostra três pilhas de papel, o sinalizador deve usar um

<sup>5</sup> Formas plurais usando classificadores podem ser representadas usando-se as duas mãos. Ou seja, cada mão pode ser usada para representar um veículo, e as duas mãos representam *dois veículos*. Mantendo-se uma mão numa localização e movendo-se a outra mão por um traçado específico pode-se designar *mais de 2 veículos*.

classificador ETF em um VL que inclua um comparativo.

Em todas as categorias, exceto nos classificadores complexos, o sujeito deve usar apenas uma forma classificadora para representar o estímulo. Nas formações complexas de classificadores, entretanto, às vezes são necessários múltiplos classificadores para representar itens diferentes nas construções. Por exemplo, no item *janela aberta* (Figura 3:1), o sujeito deve:

- primeiro usar um CLPC como um verbo de manuseio para representar o homem abrindo a janela (as mãos seguram a janela e a movem para cima);

- manter o CLPC em uma das mãos utilizadas para abrir a janela no local acima da cabeça (identifica que ele continua segurando a janela aberta), enquanto usa um CLC (classificador de corpo) – para representar o estímulo utilizando o próprio corpo, *inclinando-se e olhando pela janela* (ver foto do estímulo na Figura 3:1) ou

- usa um CLPC na outra mão para representar o homem olhando pela janela (como a CM V, representando os olhos ou a linha do olhar), o que representa o segundo segmento do estímulo. Nesse item, duas construções estão envolvidas: a abertura da janela (CLPC em uma categoria de classificador de manuseio), e a ação de olhar pela janela (que envolve a escolha de um CLC representando o corpo da pessoa olhando pela janela ou de um CLPC representando os olhos da pessoa virando-se para olhar pela janela). Pela complexidade de descrição dos itens complexos, esses não serão apresentados neste trabalho, com exceção do item *Fila de pessoas*, que embora seja considerado complexo, apenas uma construção é necessária para representá-lo.

## 5. ANÁLISE DOS DADOS






Todos os sujeitos responderam aos estímulos usando um verbo de movimento (VM) ou um verbo de localização (VL) com classificadores na maioria das vezes. Somente 1.48% das respostas não corresponderam a um VM ou VL, mas eram simples citações, não descrevendo o evento ou a cena vista. De um total de 27 questões, 11 estímulos foram projetados para suscitar um classificador em um VM e 16 estímulos para eliciar um classificador em um VL. Na tabela 5 abaixo, a proporção de configurações de mão usadas em cada categoria, na representação dos estímulos apresentados:

<b>Categoria</b>	<b>CM</b>	<b>(%)</b>	<b>CM</b>	<b>(%)</b>	<b>CM</b>	<b>(%)</b>
CLPC – pernas	<i>GI</i>	55%	<i>B</i> (foco nos pés)	20%	Outras	25%
CLPC – pés	<i>B</i>	100%	–	–	–	–
CLPC – olhos	<i>V</i>	53.3%	<i>GI</i>	26.7%	Outras	20%
CLPC – mãos	<i>5</i>	100%	–	–	–	–
CLE – corpo	<i>U</i>	60%	<i>V</i>	40%	–	–
CLE – latas	<i>C</i>	100%	–	–	–	–
CLE – carros	<i>B</i>	80%	<i>V(curvo)</i>	13.3%	Outras	6.7%
CLE – livros	<i>B</i>	100%	–	–	–	–
CLE – fitas VHS	<i>B</i>	80%	–	–	Outras	20%
CLE – lápis	<i>GI</i>	60%	<i>O (achatado) - bO</i>	13.3%	Outras	26.7%
Complexos – fila de pessoas andando	<i>4</i>	80%	<i>V</i>	20%	–	–

**Tabela 5:** Proporção de Configurações de mão usadas em cada categoria de classificadores (com apenas um segmento cada – categorias com mais de um segmento usaram várias CMs)





As CMs<sup>6</sup> usadas para representar os classificadores tanto em VM quanto em VL apresentaram certa variação entre sinalizadores e dentro das produções dos sinalizadores. Os sujeitos variaram CM tanto dentro de uma mesma resposta quanto entre itens do mesmo estímulo. Por exemplo, no estímulo *Carros dispostos no formato de U*, mostrado na figura 3:8, o sinalizador PSN05 usou a CM [*V(curvo)*] para representá-lo; em seguida, em resposta ao estímulo *Carros dispostos no formato de L*, ele usou a mesma configuração na primeira parte da resposta e mudou a CM para *B* (palma para baixo – ver figura 4) para descrever a parte final do estímulo. Posteriormente, em outro item ele usou a configuração *B* novamente para representar *Carros dispostos em zigue-zague*. Entretanto, essa variação representou apenas 13,3% dos resultados. A maioria dos sujeitos usou a CM *B* para representar carros (80%). Veja as configurações de mão usadas na representação dos estímulos relativos a carros na figura 4 abaixo:

<sup>6</sup> A nomenclatura usada para distinguir as CMs utilizadas neste estudo é a mesma sugerida por Ferreira-Brito (1995). As CMs encontradas neste estudo podem ser conferidas na tabela 6, seção 5.1.

<b>Categoria</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM – parte 1 <i>B</i></b>	<b>CM – parte 2 <i>B</i></b>
CLE – carros (estímulo estático – VL)			
		<b>CM – parte 1 <i>V-curvo</i></b>	<b>CM – parte 2 <i>V-curvo</i></b>
			

**Figura 4:** CMs usadas em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *carros*.



Algumas vezes, a CM escolhida variava conforme o que o sinalizador via no estímulo ou o que ele/ela queria enfatizar (por exemplo, na figura 5 abaixo, o estímulo com pernas cruzadas, ora era representado focalizando os pés [CM *B*, palma para baixo], ora focalizando as pernas [CM *G1*, dedos em cruz, ambas as mãos apontando para baixo]). Nesse estímulo, em que as pernas ficavam paradas, a CM mais usada foi *G1* (55% das respostas), seguida por *B* com braços esticados (20% das respostas). Uma CM também usada nessa representação foi a CM *R*, que não é usada na representação do mesmo estímulo em ASL (Hoffmeister, comunicação pessoal). Entretanto, a proporção de uso dessa CM foi pequena, já que os 25% relativos a *outras* produções da categoria CLPC (pernas) da tabela 5 incluem também o uso de formas *congeladas*, como o verbo TREMER na representação ao estímulo *pernas tremendo*. As CMs usadas na representação do estímulo estático de pernas cruzadas foram:

<b>Categoria</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM <i>G1</i></b>	<b>CM <i>B</i> braços esticados</b>	<b>CM <i>R</i></b>
CLPC – pernas (estímulo estático – VL)				

**Figura 5:** CMs usadas em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *pernas*.






Entretanto, ao serem apresentados ao item *pernas cruzadas nos joelhos*, em que uma pessoa tinha as pernas cruzadas na altura dos joelhos e a perna de cima balançava, a configuração de mão usada pelos sinalizadores em um VM foi apenas *G1*, conforme figura 6 abaixo:

<b>Categoria</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM <i>G1</i></b>
CLPC – pernas (estímulo com movimento – VM)		

**Figura 6:** CM usada em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *pernas cruzadas*.

Alguns dos itens reproduzidos requeriam mais de uma CM porque eram compostos por mais de um segmento. O número de CMs usadas pode mudar conforme os segmentos necessários para compor uma única cena, como nos *Classificadores complexos*. Dentre os itens dessa categoria, apenas *peessoas em fila* possuía só um segmento (ou era necessária apenas uma CM) numa mesma cena. A configuração de mãos usada no estímulo *peessoas em fila* é representada na figura 7 abaixo:





<b>Categoria</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM – parte 1 4</b>	<b>CM – parte 2 4</b>
Complexos – fila de pessoas andando (estímulo com movimento – VM)			

**Figura 7:** CM usada em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *peessoas em fila*.

A CM 4 representou 80% das produções. Os 20% restantes usaram a CM V nas duas mãos (dedos invertidos), palma da mão para dentro, indicando pessoas caminhando.





Na representação das categorias CLPC e CLE, todos os sinalizadores usaram as CMs consistentemente para representar as mãos e os pés. Esse uso foi comum tanto em VL (cenas sem movimento), quanto em VM (cenas com movimento – ex.: um pé masculino batia repetidamente no chão, como se a pessoa estivesse esperando impacientemente alguma coisa).

Nas Figuras 8 e 9 abaixo, as configurações de mãos usadas na representação de pés e mãos:

<b>Categoria</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM B braços esticados</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM B braços esticados</b>
CLPC – pés (estímulo estático – VL ou com movimento – VM )				

**Figura 8:** CM usada em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *pés*.








No estímulo original que foca na mão, a vinheta mostrava uma mesa e uma mão que se movimentava como se alguém estivesse embaixo dessa mesa procurando algo no chão, sendo que o restante do corpo da pessoa não era visto. Na foto abaixo, a mesma ideia foi reproduzida por uma mão embaixo de um sofá. A ideia da impossibilidade de a pessoa ver a própria mão é apresentada pelo olhar para o lado, quando o sinalizador não olha para as mãos. Entretanto, nem todos os sujeitos deixaram claro esse desvio do olhar nos resultados. A representação do estímulo *mão* encontra-se na figura 9 abaixo:

<b>Categoria</b>	<b>Imagem-estímulo – parte 1</b>	<b>Imagem-estímulo – parte 2</b>	<b>CM – parte 1 5</b>	<b>CM – parte 2 5</b>
CLPC – mãos (estímulo com movimento – VM – mão sob móvel, obstrução à visão)				

**Figura 9:** CM usada em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *mão*.

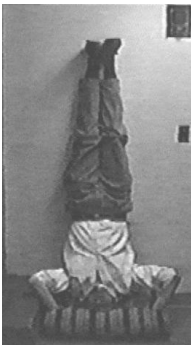


Para representar olhos, a CM *V* foi a mais usada (53.3% das respostas); seguida da CM *G1* (26.7% das produções); outras CMs, inclusive a *F*, usada em ASL para representar os olhos, somaram 20% das produções. Em todos os estímulos havia movimento (para cima e para baixo, para um lado e para o outro, olhos estrábicos). Todas as CMs apresentadas abaixo foram usadas na representação de olhos, exceto a CM *V* para olhos estrábicos, substituída pela CM *G1*. O sujeito da vinheta movimentava apenas os olhos, mas a cabeça permanecia imóvel.

Na Figura 10 abaixo, as CMs usadas para representar os *olhos*:

<b>Categoria</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM V</b>	<b>CM GI</b>	<b>CM F</b>
CLPC – olhos (estímulo com movimento – VM)				
CLPC – olhos (estímulo com movimento – VM)		X		

**Figura 10:** CMs usadas em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *olhos*.





As CMs usadas na categoria CLE para representar o corpo (uma *pessoa plantando bananeira*) apresentaram uma ligeira variação, sendo que as duas CMs usadas (*U* e *V*) diferem somente no fato de que os dedos podem ser dispostos juntos (*U*) – 60% das respostas – ou separados (*V*) – 40% das respostas. Entretanto, confirmando o que foi observado por Ferreira-Brito (1995), a orientação da palma da mão de todas as respostas era para dentro, indicando uma pessoa (e não se confundindo com duas pessoas, uma ao lado da outra, marcada pela orientação da CM para fora).

<b>Categoria</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM U</b>	<b>CM V</b>
CLE – corpo (estímulo estático – VL)			

**Figura 11:** CMs usadas em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *pessoa*.

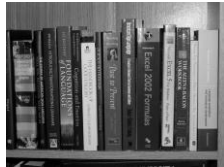



Na categoria de objetos gerais (O.G.), na representação de latas (de cerveja ou refrigerante), a CM usada no classificador dessa categoria CLE foi sempre *C* (100% das

produções). Esse uso foi constante tanto em VL, quando o sinalizador apresentava o movimento característico desse tipo de verbo (deslizar ou movimentos curtos feitos com apenas uma das mãos) quanto em VM, quando o sinalizador utilizava um movimento característico de uma ação contínua (colocando latas uma sobre a outra ou uma ao lado da outra), geralmente com movimentos um pouco mais amplos que os realizados em um VL. Exemplos dos estímulos e do uso das CM em *latas* estão na figura 12 abaixo:

<b>Categoria</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM C</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM C</b>
CLE – latas (estímulo estático – VL)				

**Figura 12:** CM usada em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *latas*.

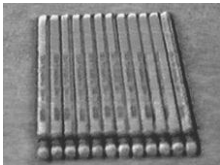



Na representação de livros e fitas VHS o uso das CMs foi consistente tanto em um VM quanto em um VL. A representação de fitas VHS teve uma proporção menor porque alguns sinalizadores usaram o substantivo (sinal VIDEO-CASSETE), que em Libras lembra de forma icônica a inserção de uma fita VHS no aparelho, ao invés de usar um VL. A CM mais usada para representar esses itens foi *B*, em 80% das produções em fitas e 100% em livros. Dentre as outras produções, os sujeitos usaram a CM *C-circunflexo*, que representa uma pessoa manuseando uma fita (ou livro) e colocando-a em algum local específico (em um VM). Na Figura 13, temos a representação das CMs usadas em *livros e fitas VHS*:

<b>Categoria</b>	<b>Imagem-estímulo</b>	<b>CM – parte 1 B</b>	<b>CM – parte 2 B</b>	<b>CM C-circunflexo</b>
CLE – livros/fitas VHS (estímulo estático – VL)				

**Figura 13:** CMs usadas em classificadores em Libras em resposta aos estímulos *livros e fitas VHS*.

As CMs usadas para representar lápis apresentaram uma variação um pouco maior, mas a CM *GI* foi a mais usada para representar esses itens (60% das produções), seguida da CM *bo* (13,3% das produções). Essa última CM foi usada também em um VM, como









indicando uma pessoa manuseando alguns lápis. É interessante observar que, nessa produção, como pode ser observado na figura 14 abaixo, o movimento da boca – expressão não-manual ou ENM – acompanha a CM usada nesse VM. Outras CMs, como a 4, por exemplo, que neste estudo foi muito usada para indicar o plural de pessoas, apareceu também entre os 26,7% de produções restantes na representação de lápis, e mais especificamente na representação da imagem da figura abaixo. Essa CM foi utilizada em conjunto com a CM *G1*, sendo que, enquanto na mão não dominante estava a CM 4, na dominante a CM *G1* fazia o movimento indicativo do plural, ou o movimento de deslizar para o lado, conforme a figura abaixo.







Categoria	Imagem-estímulo	CM – parte 1 <i>G1</i>	CM – parte 2 <i>G1</i>	CM <i>bO</i>
CLE – lápis (estímulo estático – VL)				

**Figura 14:** CMs usadas em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *lápiz*.

Neste trabalho, não serão apresentados detalhadamente os resultados das formações complexas dos classificadores *caminhão basculante* (o sinalizador precisa representar o caminhão, a caçamba e as pedras caindo); *janela aberta* (o homem abre a janela, mantém a mão segurando-a no alto e olha para baixo, na rua, com a cabeça para fora da janela) e *nem elevador* (as portas do elevador se abrem, o ascensorista olha para um dos lados, volta para dentro e as portas se fecham novamente); que utilizam mais de um classificador em sua composição. Também não será apresentado o resultado da formação *pilhas de papel*, apresentada na figura 3, item 3. Todas essas construções utilizaram formações complexas que precisariam ser bem detalhadas para maior compreensão. Entretanto, vale a pena observar que tanto no item *caminhão* quanto no *elevador*, e nas formações que exigiam uma CM plana foi utilizado um especificador de tamanho e forma (ETF), com a CM *B*, identificando a base da caçamba do caminhão e as portas do elevador. Outro ponto a ser observado nessas construções é que, naquelas em que havia um protagonista (um ascensorista no elevador e um homem abrindo uma janela e olhando para fora), todos os sinalizadores utilizaram o próprio corpo (CLC) para representar o referente, juntamente com outro CL, podendo esse ser um CLI, um CLPC ou um ETF.

### 5.1. SÍNTESE DAS CONFIGURAÇÕES DE MÃO ENCONTRADAS NESTE ESTUDO

CM	Representação - Descrição de uso
<p><b>B</b></p> 	<p>Carros, livros e fitas VHS, pés (objetos planos)</p>
<p><b>B braço estendido</b></p> 	<p>Pernas, com foco nos pés</p>
<p><b>bO</b></p> 	<p>(Pinça – sem profundidade) lápis, pegar objetos finos</p>
<p><b>C</b></p> 	<p>Latas, copos, objetos cilíndricos com profundidade</p>
<p><b>C-circunflexo</b> ou <math>\hat{C}</math></p> 	<p>(Pinça – com profundidade) livros, pegar objetos de largura mediana</p>
<p><b>F</b></p> 	<p>Olhos, moedas, objetos redondos unidimensionais</p>
<p><b>GI</b></p> 	<p>Pernas, olhos (linha do olhar), lápis; entidades rígidas, compridas e finas (poste, agulha); uma pessoa (orientação da palma não marcada)</p>
<p><b>R</b></p> 	<p>Pernas cruzadas</p>

<i>U palma para dentro ou menos visível</i>		Pessoa, corpo (também alguns animais)
V		Olhos, linha do olhar; duas pessoas lado a lado
V-curvo ou $\ddot{V}$		Carros, pequenos animais
<i>V palma p/ dentro</i>		Pessoa (pernas abertas)
4		Fila de pessoas; plural da CM <i>GI</i>
5		Mãos

**Tabela 6:** Síntese das configurações de mão encontradas neste estudo (nomenclatura conforme Ferreira-Brito, 1995)

Na próxima seção, os resultados obtidos no experimento serão comentados e discutidos conforme a revisão de literatura apresentada sobre o assunto.

## 6. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Conforme indicado anteriormente, o objetivo deste trabalho é descrever como surdos nativos e não nativos, usuários de Libras, usam classificadores em verbos de movimento (VM) e verbos de localização (VL). Nas respostas dos sujeitos, vários itens foram representados com uma maior regularidade no uso das CMs, como partes do corpo (CLPC) –

pés e mãos –, as CMs que representam objetos ou entidades em CLs de entidade (CLE) – latas, livros/fitas, carros e pessoas. As CMs utilizadas para representar outras partes do corpo (pernas e olhos) sofreram uma variação dependente do foco do olhar do sinalizador (como a CM *B* usada para representar os pés da pessoa sentada, com o apoio do braço para a representação das pernas e o uso da CM *V* para olhos, como uma “releitura” do sinal VER). Ao representar os olhos, alguns sinalizadores parecem ter reavaliado o sinal VER como a representação da linha do olhar, o que justifica também o uso da CM *GI*, que possibilitaria a representação de estímulos como *olhos estrábicos*, ao utilizarem um dedo de cada mão para representarem uma imagem que a CM *V* não poderia representar sem modificar o sentido (uma CM *V* em cada uma das mãos indicaria duas linhas do olhar indo das laterais em direção ao centro – o que não caracterizaria o olhar estrábico, mas duas pessoas olhando para o centro).

A utilização de certos CLs usados para descrever determinados estímulos sugere que a escolha das CMs utilizadas deve-se ao fato de estarem representando uma imagem em movimento (que suscita um VM) ou uma imagem estática (que provoca o uso de um VL). No caso do estímulo *pernas*, por exemplo, os sujeitos usaram, na maioria das vezes, a CM *GI*, que é também a mais usada para representar esse estímulo em ASL. Entretanto, outras CMs como a *B* ou a CM *R* foram também utilizadas conforme o foco ou talvez por questão de economia (no caso do *R*, ao usar apenas uma mão para representar um referente). Ao depararem com uma imagem que demandava um VM, quando uma das pernas estava balançando (Figura 6), a única CM usada foi a mais predominante, ou seja, *GI*. Essa particularidade aponta para a CM *GI* como a preferida neste estudo para indicar as pernas, uma vez que pode ser utilizada para representar qualquer estímulo em que se queira destacar essa parte do corpo. O uso de uma imagem estática ou em movimento não interferiu, entretanto, na representação dos pés, já que em todas as produções a CM escolhida para representar os pés foi *B* com a palma para baixo.




Na representação de pessoas (plural), a CM *4* foi a mais usada, aparecendo em 80% das produções. As demais respostas usaram a CM *V* nas duas mãos (com os dedos invertidos), palma da mão para dentro, indicando pessoas caminhando. Esse uso confirma o que já foi descrito por Ferreira-Brito (1995), que a CM *V* com a palma para dentro é usada para indicar pessoas caminhando em Libras. Uma distinção a ser feita é que já existe um sinal relativo à fila de pessoas, realizado com as duas mãos em CM *4*. Esse classificador parece ser também uma reavaliação do sinal FILA, ou uma forma de *descongelamento* do sinal – já que no sinal congelado a direção do movimento é para frente, e nesse CL o movimento é para frente e para



o lado, fazendo uma curva como acontece no estímulo, quando as pessoas entram na sala. Essa é uma das características apontadas por Grinevald (1996, apud Schembri, 2003) de línguas classificadoras orais, que diz que CLs “são sujeitos a condições de uso pragmático-discursivas”. São as condições do discurso que fazem com que esse elemento seja reavaliado e utilizado em um VM – como aconteceu também com o sinal VER. Conforme Aronoff e colegas, a comparação de produções em línguas de sinais e línguas orais “pode resultar em uma melhor compreensão dos classificadores em línguas de sinais e do seu comportamento” (Aronoff *et al.*, 2003: 64).

Além da CM *V* – palma para dentro, dedos apontando para baixo – ser utilizada para representar pessoas, essa mesma configuração com os dedos apontando para cima, assim como a CM *U* foram usadas com o mesmo objetivo, indicando a forma singular. É possível observar nas produções em Libras de classificadores representando pessoas que, apesar de a configuração de mão *U* lembrar as pernas de uma pessoa, na representação do estímulo *pessoa plantando bananeira*, essa CM identifica a pessoa como uma entidade (CLE), e não apenas as pernas da pessoa. O uso dessa mesma CM pode ser observado em outras construções de surdos representando uma pessoa saltando de uma rampa em uma piscina, uma pessoa em pé, uma pessoa escorregando – sempre com a palma da mão voltada para dentro, ou com o dorso da mão mais visível. Esse uso também confirma a descrição de CLs feita por Ferreira-Brito (1995).

Outro ponto importante a ser mencionado é o fato de que normalmente o CLE é utilizado em complementaridade com o classificador de corpo (CLC), quando envolve a representação de um ser animado. Num mesmo enunciado, o sinalizador usa duas perspectivas: a perspectiva modelo – em que uma CM apresenta uma entidade animada em proporção diferente (geralmente menor) da real e a perspectiva de mundo real – em que o sinalizador usa o próprio corpo, com a mesma proporção do mundo real. Talvez esse uso concomitante seja uma das principais diferenças entre o CLC e a mímica, usada em teatro. O mímico geralmente se move no cenário construído por ele, buscando ocupar todos os espaços possíveis através do movimento e do seu deslocamento no espaço físico. Ao usar um CLC, ao contrário, o sinalizador não se desloca ou não muda de lugar para indicar movimento do corpo (Supalla, 2003). Esse deslocamento é feito pelo CLE análogo, enquanto o sinalizador mantém no rosto e no corpo a expressão facial e corporal do referente.

		
CLC – personagem correndo	CLE – personagem correndo (CM V palma p/ dentro)	CLC + CLE – personagem correndo

**Figura 15:** Uso de CLC junto a um CLE análogo.

O uso do corpo do sinalizador (CLC) na representação do referente lembra a comparação que os autores Aronoff *et al.*, (2003) fizeram entre línguas jovens e línguas antigas. Todas as vezes que foi possível a utilização do próprio corpo do sinalizador, esse foi utilizado em conjunto com outros CLs. Porém, não me parece que esse uso indique diferenças entre línguas jovens e línguas antigas, como propõem Aronoff e seus colegas. Para mim, essa distinção aponta para uma maior regularidade da língua conforme o uso pelas gerações mais jovens através do tempo. Como já foi apontado por diversos trabalhos, a Libras e a ASL possuem histórias semelhantes – ambas têm influência da LSF, ambas surgiram praticamente na mesma época, ou seja, historicamente falando, a Libras nasceu apenas 50 anos após o nascimento da ASL (Rocha, 1997), o que, para uma língua, é uma diferença temporal muito pequena. O que diferenciou o desenvolvimento de uma em relação à outra é que a transmissão da ASL entre gerações foi mais constante, fortalecida pela criação de escolas-residência por todo o país, onde surdos cresciam em contato diário com a ASL, sendo esse contato mantido e repassado a outras gerações, principalmente pela escola. No caso da Libras, ao contrário, o uso da língua era restrito a poucos locais – principalmente ao INES e pequenas comunidades de surdos espalhadas pelo Brasil. A maioria dos surdos permanecia em casa utilizando gestos caseiros, até encontrar um surdo sinalizador – o que ocorria (e ainda ocorre), na maioria das vezes, em idade avançada – após a adolescência ou já na fase adulta. Até mesmo neste estudo, pode-se observar que poucos adquiriram a língua em casa – o que é característico entre os surdos, uma vez que apenas cerca de 5 a 10% deles possuem pais surdos. Na escola que esses sujeitos frequentaram, a língua não era utilizada ou era utilizada apenas pelos próprios alunos em contextos informais (no recreio ou fora da escola, já que a maioria das escolas oralistas no Brasil proibia o uso da língua de sinais nos ambientes escolares até bem pouco tempo atrás – ver Bernardino, 1999; 2000). Até mesmo os que adquiriram a língua mais cedo estudaram em

escolas onde a língua não era utilizada.

Observa-se que existe uma diferença entre línguas como a Libras e a ISL, por exemplo, consideradas “jóvens” por Aronoff e seus colegas (2003), em comparação com a ASL. Neste trabalho pôde-se observar certa variedade de uso de CMs para representar um mesmo elemento, assim como uma maior dependência do foco do sinalizador nessas escolhas – caracterizando, assim, uma sujeição às condições pragmático-discursivas no uso da língua. Outro resultado também intrigante foi a utilização de certas CMs (como a *B-braço estendido* e a *R*, para indicar pernas cruzadas; a *GI* para indicar a linha do olhar; ou a *4*, para indicar o plural de lápis) que não foram encontradas nos estudos sobre a ASL (Hoffmeister, comunicação pessoal). É interessante observar ainda, que a CM *4*, usada na marcação do plural de lápis, indicava uma forma plural numa das mãos, enquanto na outra mão a CM *GI* marcava novamente o plural através do movimento de deslizar para o lado. Esses usos podem ser característicos de uma língua ainda bastante influenciada pelos gestos caseiros, presentes na vida da maioria dos sinalizadores surdos, tanto pela aquisição tardia da Libras quanto pelo contato com outros sinalizadores não proficientes na língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo, conforme indicado anteriormente, é descrever como surdos nativos e não nativos, usuários de Libras, usam classificadores em verbos de movimento (VM) e verbos de localização (VL). Das sete CMs descritas por Ferreira-Brito (1995) como sendo usadas na elaboração de CLs, apenas duas não foram produzidas nas representações eliciadas neste estudo: *Y* e *S*. Além das CMs apresentadas por ela, foram encontradas: (1) CM *C*, para latas e também copos e outros objetos cilíndricos; (2) *U* e (3) *V*, com a palma da mão para dentro, para representação de pessoas, evidenciando a importância da orientação da palma da mão na distinção de pessoas, conforme relatou Ferreira-Brito; (4) *V*, (5) *GI* e (6) *F* para os olhos – mais notadamente *V* e *GI* para identificar a linha do olhar; (7) *B-braço estendido* e (8) *GI*, na representação de pernas, além de (9) *R*, para pernas cruzadas; (10) *V-curvo*, na representação de carros; (11) *bo* e (12) *C-circunflexo*, duas CMs em formato de pinça, diferenciadas apenas pelos dedos selecionados na CM, identificando CL de instrumento (ou de manuseio), utilizadas para representar o manuseio de coisas finas como lápis (*bo*) ou relativamente grossas como livros e fitas VHS (*C-circunflexo*). Duas CMs, porém, divergem da descrição de Ferreira-Brito: a CM 5, descrita por essa autora como indicativa de plural, apareceu neste estudo apenas na identificação de mãos (13) e a CM 4,

não descrita nos seus estudos, apareceu várias vezes como indicadora do plural da CM *GI* (14).

Esta pesquisa pode contribuir para estudos linguísticos futuros sobre a Libras, assim como para o estudo de classificadores de outras línguas mais jovens como a ISL, pelas aparentes semelhanças encontradas entre elas – o que precisa ser ainda mais investigado; como também para o estudo desse recurso em Libras e em outras línguas de sinais como a ASL ou outras línguas orais. Considera-se que uma das grandes contribuições deste trabalho seja a descrição do uso de classificadores na representação de várias categorias de objetos, o que ainda tem sido pouco explorado nas pesquisas sobre a Libras. Outra contribuição também importante diz respeito à metodologia utilizada, pelo uso da tarefa *RO Task*, replicando estudos de Hoffmeister e sua equipe (Hoffmeister, 1990; 1997). Essa mesma tarefa foi usada em vários estudos sobre a ASL, assim como sobre a Língua de Sinais Grega (Kourbetis, Hoffmeister e Bernardino, 2005). A replicação do experimento descrito neste estudo com outra metodologia também é um estudo que pode contribuir futuramente para que o uso de CLs seja mais bem compreendido na Libras, assim como em outras línguas de sinais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARONOFF, Mark. *et al.* (Aronoff, Mark; Meir Irit; Padden, Carol; & Sandler, Wendy.). Classifier constructions and morphology in two sign languages. In EMMOREY, Karen. (Ed.) *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.
2. BERNARDINO, Elidéa. *A construção da referência por surdos na Libras e no português escrito: a lógica no absurdo*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte: UFMG, 1999.
3. BERNARDINO, Elidéa. *Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção linguística*. Belo Horizonte: Ed. Profetizando Vida, 2000.
4. BERNARDINO, Elidéa. *The acquisition of classifiers in Verbs of Motion and Verbs of Location in Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Graduate School of Arts and Science. Boston: Boston University, 2006.
5. BERNARDINO, Elidéa; HOFFMEISTER, Robert; ALLEN, Shanley. *The use of classifiers in Verbs of Motion and Verbs of Location in Brazilian Sign Language*. Second Research paper Project (Unpublished). Boston University. Boston, MA, 2004.

6. EMMOREY, Karen. *Language, Cognition, and the Brain – Insights from Sign Language Research*. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2002.
7. EMMOREY, Karen; HERZIG, Melissa. Categorical Versus Gradient Properties of Classifier Constructions in ASL. In: Karen Emmorey (Ed.) *Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages*. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.
8. FELIPE, Tanya. Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. In: Congresso Internacional do INES, 2002, Rio de Janeiro. *Anais do Congresso Internacional do INES*, v. 1, 2002.
9. FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1995.
10. FERREIRA, Lucinda. *Língua brasileira de sinais*. Brasília: MEC-SEESP, 1997.
11. GRINEVALD, Colette. A morphosyntactic typology of classifiers. In: Gunter Senft (Ed.) *System of Nominal Classification*, p. 50-92. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
12. GRINEVALD, Colette. Classifier systems in the context of a typology of nominal classification. In: EMMOREY, Karen. (Ed.) *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.
13. HOFFMEISTER, Robert. *et al.* (Hoffmeister, Robert; Greenwald, Janey; Bahan, Benjamin; Cole, Janis) *American Sign Language Assessment Instrument: ASLAI*. Unpublished paper. Center for the Study of Communication and the Deaf, Boston University, Boston, MA, 1990.
14. HOFFMEISTER, Robert. *et al.* (Hoffmeister, Robert; Philip, Marie; Costello, Patrick; Grass, Wende) *Evaluating American Sign Language in Deaf Children: ASL Influences on Reading with a Focus on Classifiers, Plurals, Verbs of Motion and Location*. Paper presented at the Annual Conference of Educators of the Deaf, Hartford, CT, 1997.
15. KOURBETIS, Vassilis; HOFFMEISTER, Robert; BERNARDINO, Elidéa. Assessing verbs of location and verbs of motion in Greek Sign Language. 2005. Trabalho apresentado no International Congress on the Education of the Deaf (ICED), Maastricht, Netherlands, 2005.
16. LIDDELL, Scott. Sources of Meaning in ASL Classifier Predicates. In: EMMOREY, Karen. (Ed.) *Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages*. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.

17. ROCHA, Solange. Histórico do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). *Espaço*: edição comemorativa 140 anos. Belo Horizonte: Editora Littera, 1997.
18. QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
19. SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. *Sign Language & Linguistic Universals*. Cambridge University Press, 2006.
20. SCHEMBRI, Adam. Rethinking ‘Classifiers’ in Signed Languages. In: EMMOREY, Karen. (Ed.) *Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages*, (p. 3-34). Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.
21. SCHICK, Brenda. *The acquisition of classifier predicates in American Sign Language*. Unpublished Doctoral Dissertation. Purdue University, 1987.
22. SKLIAR, Carlos. (Ed.). *Educação e exclusão - Abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial*. Porto Alegre, Editora Mediação. 1997.
23. SUPALLA, Ted. *Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language*. Unpublished doctoral dissertation, University of California, San Diego, 1982.
24. SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette. (Ed.) *Typological studies in language: noun classes and categorization*. 7, 181-214. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986.
25. SUPALLA, Ted. Serial verbs of motion in ASL. In FISCHER; S. D.; SIPLE, P. (Ed.). *Theoretical issues in sign language research*. Vol. 1. Linguistics. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
26. SUPALLA, Ted. Revisiting visual analogy in ASL classifier predicates. In: EMMOREY, Karen. (Ed.). *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss the use of classifiers in Brazilian Sign Language (Libras), and to present a pilot study about classifier production done with five adult Deaf signers. All of them are Libras users for many years (on average 28:8 years) and they also have been acting as Libras instructors for hearing adults and also for Deaf children. These subjects were asked to perform a test for sign language production (American Sign Language Assessment Instrument – ASLAI) elaborated for ASL classifier production and adapted for Libras classifier production. This task, created by Robert Hoffmeister and his staff (Hoffmeister *et al.*, 1990),

elicits classifier production, including pluralization (quantifying) and objects organization, parts of body, primary and secondary relations, in simple and complex constructions. As a result, there are plenty of handshapes used in specific classifier constructions, pointing to a regular production of classifiers, even among native, or near native signers, and in late signers.

**KEYWORDS:** Brazilian Sign Language Classifiers; Classifiers Production; Libras; ASLAI.

Recebido no dia 30 de junho de 2012.

Aceito para publicação no dia 08 de agosto de 2012.